



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Secretaria de Apoio Legislativo - SGP2
SPLegis

PROJETO DE RESOLUCAO 21/2017 DE 10/03/2017

Promovente:

Ver. OTA (PSB)

Ementa:

INSTITUI O PRÊMIO "DESTAQUE DO ANO NO PARADESPORTO" E DÁ OUTRAS
PROVIDÊNCIAS.

Observações:

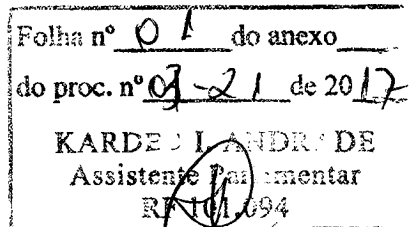
Arquivado em ____/____/____

Chefe de Seção



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



06

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)
PR

21/2017

**"Institui o Prêmio " DESTAQUE DO ANO NO
PARADESPORTO" e dá outras providências"**

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO resolve:

Art. 1º - Fica instituído o Prêmio " DESTAQUE DO ANO NO PARADESPORTO" que será entregue anualmente no mês de setembro , em Sessão Solene da Câmara Municipal de São Paulo.

Art. 2º - Farão jus ao Prêmio " DESTAQUE DO ANO NO PARADESPORTO " as pessoas físicas e jurídicas que se destacarem como atletas e/ou na execução de projetos, gestão e fomento relacionados à promoção do paradesporto.

Art. 3º - Fica criada comissão composta por membros indicados pelas seguintes entidades, para a escolha da premiação:

I - Associação Brasileira de Fomento ao Esporte , Cultura e Desenvolvimento Humano-FOMENTUS

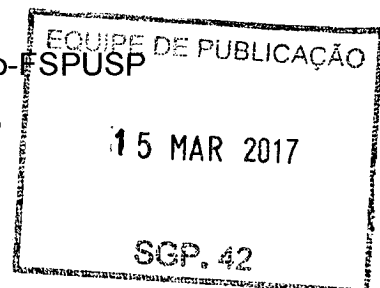
II- Associação Nacional de Desporto para Deficientes - ANDE

III - Associação Comercial de São Paulo;

IV - Associação Paulista de Medicina;

V- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-FSPUSP

VI - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo -FIESP



15:59 10/03/2017 017490 - Protocolo Legislativo - 987,22

Segue(m) juntado(s), nesta data,
documento(s) rubricado(s) sob nº
02 a 14 e folha de informação
sob nº 15. 16, 03, 17
Ass: _____

Marcelo Izidário de Andrade
Assistente Parlamentar
CPF: 52



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

Art. 4º - A Mesa expedirá as normas necessárias à regulamentação da presente resolução.

Art. 5º - As despesas com a execução desta resolução correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

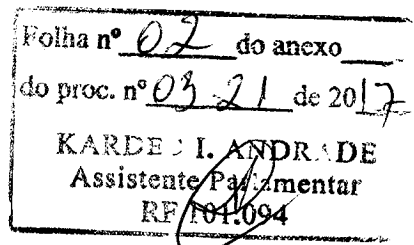
Art. 6º - Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 08 de março de 2017

Às Comissões competentes."


MASATAKA OTA

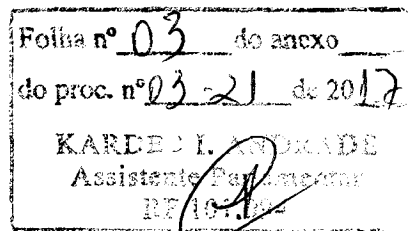
Vereador





CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

A presente propositura busca instituir premiação às ações de promoção do paradesporto, como entidades que dedicam seus esforços para a inclusão, oferecendo suporte técnico e treinamentos para a melhoria da gestão e para a operacionalização de projetos e programas de fomento à prática do paradesporto.

São pessoas físicas ou jurídicas que buscam atuação no fortalecimento intelectual, psicológico, físico e esportivo de paratletas, viabilizando ainda, a captação de recursos para os projetos, colaborando na moldagem da carreira esportiva destes paratletas em suas diversas atividades esportivas e sociais.

Visa ainda, esta proposta, reconhecer e premiar não apenas paratletas mas também profissionais que tenham como atuação a coordenação de todas as atividades esportivas da equipe, acompanhamento do desenvolvimento técnico dos atletas, logística de treinos e competições e a execução das atividades administrativas, bem como patrocinadores que vêm e acreditam se configurando em uma excelente opção para investimento social privado para suas empresas e que acreditam na superação pelo esporte.

Destarte requiro apoio aos Nobres Pares para a presente propositura.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

Um pouco da história e das modalidades do paradesporto.

Com objetivo de desenvolver e potencializar as habilidades das pessoas com deficiência nas suas diversas vertentes. O primeiro tipo de classificação para pessoas com deficiência física foi desenvolvido ainda no início do esporte para deficientes, na Inglaterra, em 1944, por meio de médicos e especialistas da área de reabilitação.

Com o número crescente de atletas, a melhora considerável do desempenho e os avanços tecnológicos, muitas modificações têm sido feitas na tentativa de realinhar o esporte de alto rendimento para deficientes a uma classificação que acompanhe essa evolução.

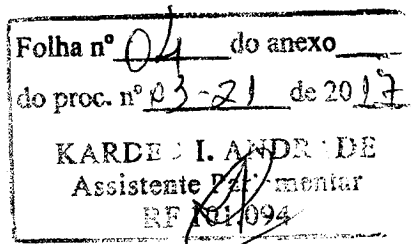
Conceitualmente, a classificação utilizada hoje na prática do desporto adaptado constitui-se em um fator de nivelamento entre os aspectos da capacidade física e competitiva, colocando as deficiências semelhantes em um grupo determinado. Isso permite oportunizar a competição entre indivíduos com várias sequelas de deficiência, pois o sistema de classificação eficiente é o pré-requisito para uma competição mais equiparada.

O Comitê Paralímpico Internacional reconhece cinco categorias de deficiência para a participação em competições do IPC: paralisados cerebrais, deficientes visuais, atletas em cadeira de rodas.

No Brasil, o método foi utilizado pela primeira vez em 1984, no campeonato de basquete de rodas (ABRADECAR). Na década de 1990, com a introdução da classificação funcional no basquete, também foram propostas mudanças no atletismo.

Como funciona a classificação:

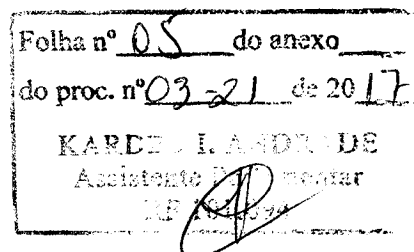
Cada esporte determina o próprio sistema de classificação, baseado nas habilidades funcionais, identificando as áreas chaves que afetam o





CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

desempenho para o desempenho básica do esporte escolhido. A habilidade funcional necessária independe do nível de habilidade ou do treinamento adquirido. Um atleta que compete em mais de um esporte recebe uma classificação diferenciada para cada modalidade.

A equipe de classificação pode ser composta por três profissionais da área de saúde: médico, fisioterapeuta e um professor de educação física. A classificação é realizada em três estágios: médico, funcional e técnico.

Avaliação médica

Na parte médica é feito um exame físico para verificar exatamente a patologia do atleta, bem como sua inabilidade que afeta a função muscular necessária para um determinado movimento. As informações são descritas em fichas apropriadas e arquivadas no banco de dados do CPB.

Avaliação funcional

Na avaliação funcional são realizados testes de força muscular, de amplitude de movimento articular, de mensuração de membros e de coordenação motora, evidenciando os resíduos musculares utilizados para o desempenho na prova.

Avaliação técnica

Por último, vem a avaliação técnica, que consiste na demonstração da prova realizada utilizando as adaptações necessárias. São observados os grupos musculares na realização do movimento, a técnica e a prótese e a órtese utilizadas.

Durante a competição, os classificadores poderão continuar observando os atletas. O objetivo é analisar todos os aspectos possíveis. O classificador poderá monitorar uma classificação durante vários eventos.

O Movimento Paraolímpico oferece oportunidades esportivas para atletas que têm uma incapacidade primária que pertence a um dos seguintes 10 tipos de incapacidade "elegíveis":



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

Jogos Paralímpicos

No período pós-guerra, em 1948, Ludwig Guttman organizou uma competição esportiva que envolvia veteranos da Segunda Guerra Mundial com lesão na medula espinhal, em Stoke Mandeville, na Inglaterra, e quatro anos mais tarde, competidores da Holanda uniram-se aos jogos e, assim, nasceu um movimento internacional, que fez com que jogos no estilo olímpico fossem organizados pela primeira vez em Roma, em 1960 sendo o marco inicial dos Jogos Paraolímpicos. Em Toronto, 16 anos depois, foram adicionados na competição outros grupos de pessoas com deficiência, partir daí, surgiu a ideia de fundir estes diferentes atletas em um grande torneio esportivo internacional. Naquele mesmo ano, 1976, a Suécia organizou os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno.

O **basquete em cadeira de rodas** começou a ser praticado nos Estados Unidos, em **1945** e os jogadores eram ex-soldados do exército norte-americano feridos durante a 2ª Guerra Mundial. No Brasil teve início em 1958 e foi a primeira modalidade paraolímpica a ser praticada. A modalidade é praticada por atletas de ambos os sexos que tenham alguma deficiência físico-motora, sob as regras adaptadas da Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas (IWBF). As cadeiras são adaptadas e padronizadas, conforme previsto na regra. A cada dois toques na cadeira, o jogador deve quicar, passar ou arremessar a bola. As dimensões da quadra e a altura da cesta são as mesmas do basquete olímpico. No Brasil, a modalidade é administrada pela Confederação Brasileira de Basquetebol em Cadeira de Rodas (CBBC); esta é uma das poucas modalidades que esteve presente em todas as edições dos Jogos Paraolímpicos.

O **goalball** foi criado em **1946** pelo austríaco Hanz Lorezen e o alemão Sepp Reindle, que tinham como objetivo reabilitar veteranos da Segunda Guerra Mundial que perderam a visão. Nos Jogos de Toronto (1976) sete equipes masculinas apresentaram a modalidade aos presentes. Dois anos depois teve o primeiro Campeonato Mundial de Goalball, na Áustria. Em 1980 na

Folha nº 06	do anexo
do proc. nº 03-21	de 2017
KARDE J. L. ANDRÉ DE	
Assistente Administrativo	
RFB 12.345	



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA

Folha nº 07 do anexo
do proc. nº 03-21 de 2017
KARDE J. L. ANDRÉ DE Assistente Administrativo

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

Paraolimpíada de Arnhem, o esporte passou a integrar o programa paraolímpico. A modalidade foi implementada no Brasil em 1985. Inicialmente, o Clube de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI) e a Associação de Deficientes Visuais do Paraná (ADEVIPAR) realizaram as primeiras partidas.

Por mais de 50 anos, pessoas com deficiência testam sua precisão e perícia nas competições de **tiro com arco**. A modalidade surgiu como uma atividade de recreação e reabilitação para seus praticantes – em princípio, lesionados medulares. Os primeiros eventos do esporte ocorreram por volta de **1948**, nos Jogos de Stoke Mandeville, na Inglaterra. Esta é uma das mais tradicionais modalidades paraolímpicas, visto que está presente desde a primeira Paraolimpíada em Roma (**1960**).

Em todas as edições dos Jogos Paraolímpicos, o tiro com arco preservou a característica de contar com a participação tanto masculina como feminina. Hoje, competem arqueiros em cadeira de rodas, paralisados cerebrais, amputados e Les Autres. Há disputas no individual e por equipe. Um dos fatos mais marcantes do tiro com arco paraolímpico ocorreu em 1992, na Cerimônia de Abertura da Olimpíada de Barcelona, quando o espanhol Antonio Rebollo, duas vezes medalhista paraolímpico, atirou a flecha que acendeu a Pira Olímpica, declarando, assim, o início do maior evento esportivo do mundo. No Brasil, a modalidade é organizada pela Confederação Brasileira de Tiro com Arco (CBTarco)

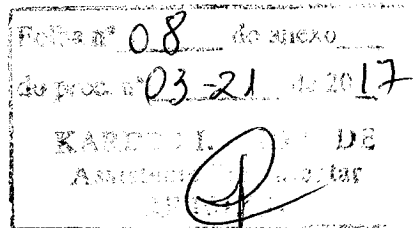
Futebol de cinco, existem relatos de que no Brasil, na década de **1950**, cegos jogavam futebol com latas. O futebol de cinco é exclusivo para cegos ou deficientes visuais. As partidas normalmente são em uma quadra de futsal adaptada, mas desde os Jogos Paraolímpicos de Atenas também tem sido praticadas em campos de grama sintética. O goleiro tem visão total e não pode ter participado de competições oficiais da Fifa nos últimos cinco anos. Junto às linhas laterais, são colocadas bandas que impedem que a bola saia do campo. Cada time é formado por cinco jogadores – um goleiro e quatro na linha. Diferente dos estádios com a torcida gritando, as partidas de futebol de cinco são silenciosas, em locais sem eco.

A bola tem guizos internos para que os atletas consigam localizá-la. A torcida só pode se manifestar na hora do gol. Os jogadores usam uma venda nos



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

olhos e se tocá-la é falta. Com cinco infrações, o atleta é expulso de campo e pode ser substituído por outro jogador. Há ainda um guia, o chamador, que fica atrás do gol, para orientar os jogadores, dizendo onde devem se posicionar em campo e para onde devem chutar. O jogo tem dois tempos de 25 minutos e intervalo de 10 minutos. No Brasil, a modalidade é administrada pela Confederação Brasileira de Deportes para Cegos (CBDC).

Ludwig Guttman, em **1953**, introduziu a **esgrima** para pessoas em cadeira de rodas. Em nível paraolímpico, a modalidade é uma das mais tradicionais, e homens e mulheres duelam desde a primeira Paraolimpíada em Roma (1960). Desde então as regras têm se desenvolvido de acordo com os avanços em técnicas de fixação das cadeiras no chão. Uma das peculiaridades da esgrima em cadeira de rodas é a forma na qual são computados os pontos. As vestimentas dos atletas têm sensores que indicam quando o atleta foi tocado. Tanto o público quanto os esgrimistas e juízes podem acompanhar o placar do duelo. Quando o toque da arma resulta em ponto, uma das luzes – vermelha ou verde – que representa os atletas se acende. Quando ocorre um toque não válido, é acesa uma luz branca.

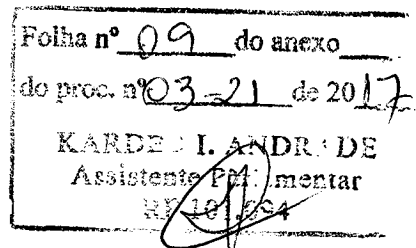
Na primeira rodada dos torneios individuais os confrontos duram no máximo quatro minutos. O vencedor é quem marca cinco pontos até o fim do combate. As etapas seguintes têm três tempos de três minutos cada, com intervalos de um minuto. Ganha o esgrimista que fizer 15 pontos ou o que tiver a maior pontuação ao final do combate.

A **natação** está presente no programa oficial de competições desde a primeira Paraolimpíada, em Roma (**1960**). Homens e mulheres sempre estiveram nas piscinas em busca de medalhas. O Brasil começou a brilhar em Stoke Mandeville (1984), quando conquistou um ouro, cinco pratas e um bronze. Nos Jogos Paraolímpicos de Seul (1988) e nos de Atlanta (1996), os atletas trouxeram um ouro, uma prata e sete bronzes. Em Barcelona (1992), a natação ganhou três bronzes. Os Jogos de Sydney foram marcados pelo excelente desempenho da natação, que trouxe um ouro, seis pratas e quatro bronzes para o Brasil. Em Atenas, foram sete medalhas de ouro, três de prata e uma de bronze. No Parapan do Rio de Janeiro (2007) o Brasil ficou em segundo lugar



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

geral da modalidade, perdendo para o Canadá, mas ficando na frente dos Estados Unidos. Foram 39 medalhas de ouro, 30 de prata e 29 de bronze.

O **tênis de mesa** é um dos mais tradicionais esportes paraolímpicos, disputado desde os Jogos de Roma(1960) tanto no masculino quanto no feminino. Todas as edições dos Jogos Paraolímpicos tiveram disputas da modalidade. Com o passar dos anos, ocorreram algumas mudanças. Desde os Jogos de Roma (1960) até o Tel Aviv, em 1968, eram disputadas partidas no individual e em duplas. Em Heidelberg (1972) começaram as disputas por equipes. Toronto (1976) e Arnhem (1980), só tiveram disputas de jogos simples e por equipe. O open entrou no calendário paraolímpico oficial nos Jogos de 1984 e em Seul (1988). Em Barcelona (1992), as disputas passaram a ser apenas no individual e por equipe. Já em Atenas, também teve disputa de duplas.

A história do tênis de mesa no Brasil se confunde com a do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), pois a modalidade começou com a fundação do Comitê, em 1995.

O **halterofilismo** apareceu pela primeira vez em uma Paraolimpíada, em 1964, em Tóquio. A deficiência dos atletas era exclusivamente lesão da coluna vertebral. Até os Jogos de Atlanta (1996), somente os homens competiam. Quatro anos depois, em Sydney, as mulheres entraram de vez para a modalidade. Atualmente 109 países possuem halterofilistas paraolímpicos.

O Brasil estreou nos Jogos de Atlanta, com o atleta Marcelo Motta. Em Sydney (2000), Alexander Whitaker, João Euzébio e Terezinha Mulato competiram. Três anos depois, no Pan-Americano de Oklahoma, Estados Unidos, Marcelo Motta conquistou medalha de ouro.

O **futebol de sete** é praticado por atletas do sexo masculino, com paralisia cerebral, decorrente de seqüelas de traumatismo crânio-encefálico ou acidentes vasculares cerebrais. As regras são da FIFA, mas com algumas adaptações feitas pela Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais (CP-ISRA). O campo tem no máximo 75m x 55m, com balizas de 5m x 2m e a marca do pênalti fica a 9,20m do centro da linha de gol. Cada time tem sete jogadores (incluindo o goleiro) e cinco reservas. A partida dura 60 minutos, divididos em dois tempos de 30, com um intervalo de 15

minutos. Em **1978** surgiu o futebol de 7 para paralisados cerebrais, foi na cidade de Edimburgo, na Escócia, que aconteceram as primeiras partidas. A primeira Paraolimpíada em que a modalidade esteve presente foi em Nova Iorque, em 1984. Em Barcelona (1992), o Brasil estreou nos Jogos Paraolímpicos e ficou em sexto lugar.

A **bocha** estreou no programa paraolímpico oficial em **1984**, na cidade de Nova Iorque, com disputas individuais no feminino e masculino. Em Atlanta (1996), foi incluído o jogo de duplas. A primeira medalha paraolímpica brasileira veio no Lawn Bowls, um tipo de bocha na grama. Róbson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos "Curtinho" ganharam prata em 1972, nos Jogos de Heidelberg, Alemanha.

Competem na bocha paraolímpica paralisados cerebrais severos que utilizem cadeira de rodas. O objetivo do jogo é lançar bolas coloridas o mais perto possível de uma bola branca chamada de jack (conhecida no Brasil como bolim). É permitido o uso das mãos, dos pés ou de instrumentos de auxílio para atletas com grande comprometimento nos membros superiores e inferiores. Há três maneiras de se praticar o esporte: individual, duplas ou equipes.

O **ciclismo** começou na década de 80, quando somente deficientes visuais competiam. A Paraolimpíada de Nova Iorque (**1984**) marcou por ser a primeira com atletas paralisados cerebrais, amputados e deficientes visuais. Em Seul (1988), o ciclismo de estrada entrou no programa oficial de disputas. A partir de Atlanta (1996), cada tipo de deficiência passou a ser avaliado de forma específica. Nesta competição foram incluídas provas de velódromo. Em Sydney (2000), o handcycling (ciclismo com as mãos) teve provas de exibição.

Quase 10 anos depois o Brasil estreou nos Jogos Paraolímpicos, em Barcelona (1992), com Rivaldo Gonçalves Martins. Dois anos depois, na Bélgica, o mesmo ciclista, amputado da perna com prótese, conquistou o título de campeão mundial na prova de contra-relógio. O ciclista cego compete em uma bicicleta dupla – conhecida como "tandem" – com um guia no banco da frente dando a direção. Para os cadeirantes, a bicicleta é "pedalada" com as mãos: é o handcycling. As provas são de velódromo, estrada e contra-relógio.

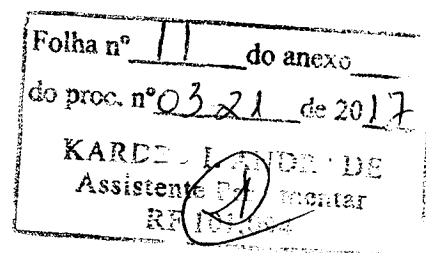
No velódromo, as bicicletas não têm marchas e a competição acontece em uma pista oval que varia entre 250 e 325 metros de extensão. Velocidade em todas as provas é fundamental. Na estrada, os ciclistas de cada categoria largam ao mesmo tempo. As competições são as mais longas da modalidade, com até 120 km de percurso. As disputas contra-relógio exigem mais velocidade que resistência. Os atletas largam de um em um minuto, pedalando contra o tempo. Nesta prova a posição dos ciclistas na pista não diz, necessariamente, a colocação real em que se encontram, pois tudo depende do tempo.

A estréia paraolímpica do **hipismo** foi nos Jogos de Nova Iorque, em **1984**. Três anos depois foi realizado o primeiro Mundial, na Suécia. Mas a modalidade precisava se desenvolver quantitativamente ainda, e só voltou ao programa oficial na Paraolimpíada de Sydney (2000). A única disciplina do Hipismo do Programa Paraolímpico é o Adestramento. Em março de 2002, nasceu o hipismo paraolímpico nacional a partir de um curso promovido pela Confederação Brasileira de Hipismo (CBH). O hipismo paraolímpico é praticado



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

por atletas com vários tipos de deficiência, em cerca de 40 países. A competição de Hipismo é mistas, ou seja, cavaleiros e amazonas competem juntos nas mesmas provas. Outra característica da modalidade é que não só os competidores recebem medalhas, mas os cavalos também.

Desde a década de 70 o **judô** era praticado por paratletas em todo o mundo. Em 1987, os judocas brasileiros participaram pela primeira vez de uma competição internacional, o Torneio de Paris, mas a estréia desta modalidade nas Paraolimpíadas só se deu em **1988**, em Seul, Jaime de Oliveira (categoria até 60kg), Júlio Silva (até 65kg) e Leonel Cunha (acima de 95kg) conquistaram a medalha de bronze. Com esses resultados, o judô passou a ser a quarta modalidade brasileira a subir no pódio paraolímpico.

O **tênis em cadeira de rodas** foi criado em 1976, nos Estados Unidos, por Jeff Minnenbraker e Brad Parks. Eles construíram as primeiras cadeiras adaptadas para o jogo e difundiram em seu país. Em 1977 teve o primeiro torneio pioneiro, em Griffith Park, na Califórnia. O primeiro campeonato nacional nos EUA aconteceu em 1980. Oito anos depois, foi fundada a Federação Internacional de Tênis em Cadeira de Rodas (IWTF).

Em **1988**, a modalidade foi exibida nos Jogos Paraolímpicos de Seul. Em 1991, a entidade foi incorporada à Federação Internacional de Tênis (ITF), que hoje é a responsável pela administração, regras e desenvolvimento do esporte em nível global. Barcelona (1992), foi o marco para o tênis em cadeira de rodas, pois passou a valer medalhas. Desde então homens e mulheres disputam medalhas nas quadras em duplas ou individual.

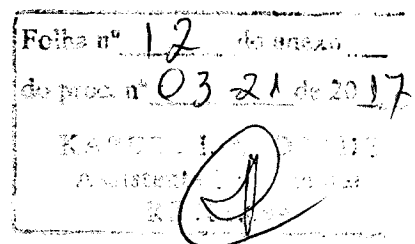
O primeiro tenista brasileiro em cadeira de rodas foi José Carlos Moraes, em 1985. José Carlos conheceu o esporte quando foi à Inglaterra competir pela seleção nacional de Basquete em Cadeira de Rodas. O Brasil estreou nos Jogos Paraolímpicos, em Atlanta (1996), com Moraes novamente como pioneiro e Francisco Reis Junior.

O **tiro esportivo** estreou nos Jogos Paraolímpicos de Toronto, em **1976**. Na época somente os homens competiram. Já nos Jogos de Arnhem (1980), na Holanda, as mulheres entraram com tudo nas disputas inclusive nas provas mistas. Em 1984, as provas paraolímpicas mistas deixaram de existir, sendo



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA



PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

retomadas em Barcelona (1992). Na ocasião, a categoria mista voltou em substituição ao feminino. A volta dos três tipos de disputa aconteceu nos Jogos de Atlanta (1996). Nos Jogos Paraolímpicos de Sydney, em 2000, a disputa pelo ouro aconteceu entre homens, mulheres e nos confrontos entre ambos.

No Brasil, a modalidade que é administrada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), começou a ser praticada em 1997, no Centro de Reabilitação de Polícia Militar do Rio de Janeiro. A tecnologia está sempre presente na modalidade. Durante os Jogos Paraolímpicos, os alvos são eletrônicos e os pontos são imediatamente projetados num placar. Nem as roupas e as armas utilizadas fogem da evolução tecnológica. Há uma diferença das vestimentas nas provas para cada tipo de arma. Nas competições de rifle, por exemplo, é necessário usar uma roupa com a espessura estipulada pela Federação Internacional de Tiro Esportivo (ISSF). Em eventos de pistola, os atiradores só são obrigados a usar sapatos especiais feitos de tecido, que dão mais estabilidade aos atletas.

Rifles e pistolas de ar, com cartuchos de 4.5mm, são utilizados nas provas de 10 metros de distância. Já nos 25 metros, uma pistola de perfuração é utilizada com projéteis de 5.6mm. Rifles de perfuração e pistolas são as armas das provas de 50m, também com as balas de 5.6mm de diâmetro.

Em 1956, na Holanda, houve a fusão do voleibol convencional e o sitzbal, esporte alemão que não tem a rede, praticado por pessoas com mobilidade limitada e jogam sentadas, resultando no voleibol sentado. Na modalidade, podem competir amputados, paralisados cerebrais, lesionados na coluna vertebral e pessoas com outros tipos de deficiência locomotora.

Na Paraolimpíada de Toronto (1976), o **voleibol sentado** teve jogos de exibição. Em **1980**, o esporte coletivo foi incluído no programa de competições dos Jogos Paraolímpicos de Arnhem, na Holanda, com a participação de sete seleções. Desde 1993, existem campeonatos mundiais masculino e feminino da modalidade. Até Sydney (2000), o voleibol paraolímpico era dividido entre a categoria sentada e em pé. A partir de Atenas, por decisão do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC) passaram a ocorrer disputas somente com atletas sentados. As mulheres participaram da competição pela primeira vez em Atenas. O Brasil estreou na disputa em Beijing (2008).



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR MASATAKA OTA

PROJETO DE RESOLUÇÃO 03-00 /2017 do Vereador MASATAKA OTA (PSB)

JUSTIFICATIVA

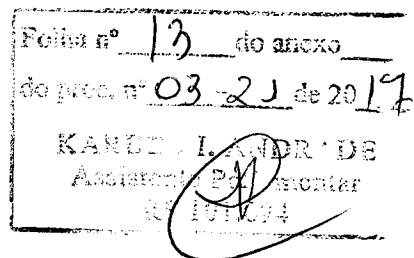
No voleibol sentado, competem atletas amputados, principalmente de membros inferiores (muitos são vítimas de acidentes de trânsito) e pessoas com outros tipos de deficiência locomotora (sequelas de poliomielite, por exemplo). Em relação ao convencional a quadra é menor, com dez por seis metros, e a altura da rede é inferior à da modalidade, com 1,15m do solo no masculino e 1,05m para o feminino. Os atletas jogam sentados na quadra. No voleibol paraolímpico, o saque pode ser bloqueado.

O **rúgbi** para atletas com deficiência surgiu no Canadá, em 1977 e apesar de ser uma modalidade relativamente nova, sua expansão tem sido rápida. Em **1996**, nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, o **rúgbi em cadeira de rodas** estreou na maior competição paraolímpica mundial. Nesta ocasião, apenas os homens entraram em quadra. Já em Sydney (2000), as equipes eram formadas por homens e mulheres. Nunca houve uma seleção brasileira do esporte em Jogos Paraolímpicos.

O **remo** teve início nos anos 80, quando a Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro (SUDERJ) iniciou um programa da **reabilitação com o remo**, que foi batizado de "Remo Adaptado". Pessoas com deficiência física (lesão medular, pólio e paralisia cerebral), mental e mais tarde deficientes auditivos se beneficiaram do programa. Além da reabilitação e lazer, o objetivo era melhorar a qualidade de vida, por meio da inserção social e dos benefícios à saúde, ambos oriundos da prática esportiva.

Em **2001**, a Federação Internacional de Remo (FISA) solicitou, formalmente, ao Comitê Paraolímpico Internacional (CPI), a inclusão do remo nos Jogos Paraolímpicos de 2008.

A **vela adaptada**, no Brasil, teve início em 1999 com o Projeto Água-Viva, desenvolvido a partir de uma parceria entre a Classe de Vela Day Sailer, o Clube Paradesportivo Superação e o Clube Municipal de Latismo em São Paulo. Em 2000, a Federação Brasileira de Vela e Motor – FBVM, tomou conhecimento do Água Viva, e criou a Coordenação de Vela Adaptada, para desenvolver este trabalho a nível nacional, criando o 1º Polo de Vela adaptada em São Paulo. Em trabalho conjunto, a Federação de Vela de São Paulo



KARLENE L. RODRIGUES
Assistente Social

incorporou o projeto Água Viva tornando-o parte da Coordenação Paulista de Vela Adaptada. A partir deste ponto, a FBVM trabalhou junto as entidades internacionais para que fosse reconhecida junto ao Comitê Paraolímpico Brasileiro e a IFDS – International Federation Disable Sailing. Em 2003, veio o reconhecimento pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro, sendo que no final de 2003 chegaram ao Brasil os primeiros barcos da classe 2.4mR. Com o apoio do CPB, a Vela paraolímpica vem tendo um crescimento exponencial, tendo a equipe da CBVA conseguido a vitória de representar o país nas Paraolimpíadas de Pequim, com os atletas cariocas Luiz Faria, Darke de Matos e Rossano Leitão. Pessoas com deficiência locomotora ou visual podem competir na modalidade. A Vela paraolímpica segue as regras da Federação Internacional de Latismo (ISAF) com algumas adaptações feitas pela Federação Internacional de Latismo para Deficientes (IFDS). Três tipos de barco são utilizados nas competições paraolímpicas: o barco da classe 2.4mR tripulado por um único atleta; o barco da classe Sonar, com 3 atletas; e o barco SKUD-18 para 2 tripulantes paraplégicos, sendo obrigatoriamente 1 tripulante feminino.

Hoje, os Jogos Paralímpicos são um evento de esporte de alto rendimento para atletas deficientes. Apesar disso, os Jogos enfatizam mais as conquistas do que as deficiências dos participantes. O movimento tem crescido de maneira significativa desde os primeiros dias. Quatrocentos atletas participaram dos Jogos Paralímpicos de Verão de Roma, em 1960. Nos Jogos de Pequim, em 2008, foram 3.951 atletas, de 146 países.

Os Jogos Paralímpicos têm sido sempre realizados no mesmo ano dos Jogos Olímpicos. Desde os Jogos de Seul, em 1988, também têm sido sediados no mesmo local. Em 19 de junho de 2001, foi assinado um acordo entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) que assegura esta prática para o futuro.

Fonte: IPC – Comitê Paralímpico Internacional e CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro